A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

NUMERO 30 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A Guerra da Sardinha!

Tranquilos pescadores portugueses, ao regressarem da barra do Guadiana, são atacados a tiro por uma canhoneira espanhola. No momento em que se procura um inter-cambio espiritual com a Espanha, a grande nação irmã, ha o direito de esperar que nos sejam dadas inteiras e formais explicações de tão insolito procedimento.

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 30

LISBOA 9 DE AGOSTO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

comentarios

Prais, termas, Hoteis e preços...

Escrevem-nos da Figueira da Foz, dizendonos que a colonia balnear este ano ficou em hipotese. Das outras praias e termas, sabemos tambem que a abundancia de falta de gente é pasmosa. Vidago, Pedras Salgadas, Caldelas, Estoril, Ericeira, etc. etc, estão ás moscas e os proprietarios ás aranhas.

Em compensação o «sud-express» e os rapidos de Madrid e Paris abarrotam de passageiros para as praias e termas de França.

Os hoteleiros portuguezes clamam que é uma falta de patriotismo, que é necessario nacionalisar os paladares, que as nossas paisagens não teem rival, etc etc.

Mas... feitas as contas, a verdade, a grande verdade d'este caso é simplesmente esta:

Preço de um hotel em uma boa praia franceza, com grande comodidade, conforto, limpeza, recreios, seleção de concorrencia e delicadeza de todos os empregados—trinta francos (na nossa moeda: vinte e oito mil e quinhentos.),

Preço de um hotel (?) em qualquer praia portugueza, sem comodidade, sem conforto, sem limpeza, sem recreios, sem seleção de concorrencia e sem delicadeza de qualquer empregado:—sessenta mil reis...

Esta é que é a tal falta de patriotismo, de amor pelas coisas nacionaes... e mais o resto que é costume dizer-se...

Principios, meios e fins

Bramam os politicos que o que devide os democraticos é apenas uma questão de principios e não de pessôas.

Os esquerdistas, sobretudo, afirmam que gostam imenso, em pessôa do Sr. Antonio Maria, embora detestem a sua politica.

Mas, por outro lado, aceitam o Sr. Domingos Pereira, do Directorio como aquele, e conservador na mesma...

A questão, como se vê, é apenas de principios... que se servem de certos «meios»... para atingir determinados «fins»... ou será da nossa vista?

Patrulhas e marechaes

De vez em quando surgem nas notas politicas dos jornaes, nomenclaturas e modos de expressão, que para o espectador indiferente da farça publica, não deixam de parecer pitorescos.

Agora estão em moda as «patrulhas» dos partidos, o que dá aos politicos um ar de ventas das ditas—e da-se tambem muito o nome de «marechal» a qualquer fiel farrapo, tendo-se chegado mesmo a esta paradoxal classificação: Um marechal dos presidencialistas era sargento...

FACIL REMEDIO

—Mas como é que eu o hei-de convidar? Perdi a direcção!
—Escreve para a posta restante!

Má língua

A questão das "Aguas"

Premeditava uma cartinha, aberta
como as célebres cartas a Denise,
á creatura grandemente esperta
que por fim resolveu a nossa crise.

Além de cauteloso diplomata
tem de ser um insigne funileiro;
hoje, só quem tiver immensa lata
consegue impor-se a Portugal inteiro.

Além disso, é preciso deitar «pingos»
nos nossos fundos, para os pôr ao par;
e desmentir quem jura que os domingos
não foram feitos para trabalhar.

Tambem será preciso ter presente
que governar é a arte mais subtil
porque as leis são talhadas, sabiamente,
pelo modêlo airoso de um funil;

e que até mesmo o artista mais arguto
que á briza meiga estes pendões desfralde
se accuso se distrahe por um minuto
vê que afinal foi ao poder... de balde.

* * *

Mas afinal, a minha carta aberta
guardo-a no peito, ao lado de outras maguas;
e respondo á donzella que me aperta
por causa da diatribe contra—As Aguas—.

Com facadinhas dadas a preceito,
e anonymas a mais não poder ser,
diz que eu critico—As Aguas—por despeito,
por não ter «massa» para as ir beber.

Ora, é muito provavel que assim seja,
(falla-me sobretudo no estrangeiro),
que a minha alma não logre o que deseja
porque qualquer ideal custa dinheiro.

Mas toda se abespinha, se avinagra,
dando-me amavel roda de pelintra,
com allusões á minha bolsa magra
que se esgotava num passeio a Cintra.

Pois bem. Eu não trocava a minha aldeia
por esses Cautterets em que me falla.
Pelintrice? E' possivel. Essa ideia
deve dar-lhe prazer,—e não me rála.

Hontem, quando passei pelo Terreiro
á noitinho,—eram horas de jantar—
vi, chegados ao velho castanheiro,
o Antonio e a Albertina, a namorar.

Os sapatos com sóla de borracha
davam-me subtilezas de espião...
E assim eu vi...—fica-me mal, não acha?—
vi... um longo e leal xi coração.

Respondo pois ao seu vaidoso orgulho
por ir tratar o figado a Vichy,
—que nesta aldeia, sem fazer barulho,
hontem á noite, tambem eu vi xi...

TAÇO

questão prévia

A morte não me impressiona nem me aterrorisa, porque sei que perante a sua fatalidade não valem sustos, receios, orações e cuidados. Desde que adquiri a certeza de ter nascido, que a morte me aparece como finalidade necessaria e desde que—bem novo ainda—provei o sabor amargo da vida, que ela se me apresenta como uma piedosa libertação, que eu me não sinto disposto a provocar, mas que espero me não surpreenderá, se a sentir aproximar-se, em passos cautelosos ou brusca e fulminante.

Olho em meu redor e a certeza da morte é a minha certeza de que os meus olhos vivos não duvidam e que a minha inteligencia nitidamente apreende. A mêsa sobre que estou escrevendo é feita duma arvore que morreu. Os pinheiros que avisto dá minha janela, as mesmas moscas que em torno de mim volitam, mais impertinentes nesta manhã, extranhamente brumosa em pleno Agosto, hão de morrer tambem sob o machado do lenhador ou quando os primeiros frios arripiarem o outuno.

Com que carregado parecer de extranheza os tres leitores fieis d'esta secção hão de estar comentando estas filosofias severas, tão despropositadas em quem usa sorrir das coisas graves. E' que nós, os que rimos por habito ou oficio, ao contrario do que toda a gente pensa, tomamos a vida a serio. O que a serio não tomamos é a morte, no sentido do terror panico que ela inspira a quantos entendem que é preferivel comer, dormir, e dançar «fox-trots» a regressar á natureza por qualquer das formas conhecidas, seja nas condições de sardinha em conserva, devidamente soldados num esquife de chumbo, seja lançados á terra como adubo, seja ainda estorricados no forno do dr, Guisado—esse extranho e absurdo caso de ambição culinaria, em que se mostra um modesto guisado a aspirar ás honras do forno, como um luxuoso assado ou um suntuoso pão de ló.

* * *

E, todavia, ha mortes que me impressionam, não pelo fenomeno em si, mas pelas vidas de que elas foram brusco remate.

Duas mortes recentes, a do escritor Alberto Pimentel e a do actor José Ricardo, me deixaram no espirito esse sulco de mal estar, que cava dolorosamente uma injustiça de que não ha recurso. Qualquer d'eles se foi desta vida com mais de meio seculo de paciente e continuado labor, o mais ingrato de quantos podem absorver a nossa actividade, o labor da arte, o que não tem horas para exercer-se, o que nunca está concluido, o que não tem descanço nem ferias. Um, o escritor, pousou a pena para morrer e o outro, o actor, limpou do rosto, á pressa, os traços da caracterisação para que a morte se não enganasse na escolha.

Mais de meio seculo da tortura de conceber e realisar pela inteligencia as coisas frageis e insubsistentes do espirito, mais de cincoenta anos da ancia, sempre insatisfeita, de comunicar as grandes emoções sentidas e nem um momento de repouso para olhar para traz, para ter ao menos o consolo facil de vêr erguida e justificada uma obra concluida, porque até ao derradeiro alento os animou a mesma vontade insaciavel de produzir mais, de produzir melhor e mais perfeito.

Estas vidas, que assim fecham para a vida, não acabam — interrompem-se. E sabe-se lá para recomeçar quando e sabe-se lá para recomeçar sob que diversas formas ou novas encarnações...

Batem-me á porta. As meditações debandam do meu espirito, como aves que um tiro assustou. E' o padeiro. A vida, a torpe materialidade, reclama os seus direitos. Vou tomar o meu café com leite matinal.

écos

Uma anedocta do grande José Ricardo e do Cauteleiro Fardado...

José Ricardo, onosso pobre amigo a que, uma pungente saudade ainda tanto nos prende foi um grande bohemio de espirito.

Entre os milhares de anedoctas da sua pitoresca vida, surgem algumas que dão a nota flagrante do seu «chiste» bem português e oportuno.

O «Cauteleiro fardado», foi em tempos creado num hotel em Vizeu, José Ricardo era hospede e todos os dias ao almoço este pedia os ovos e o creado, invariavelmente dizia:

Como os deseja?

Um dia farto de responder: «estrelados» José Ricardo disse: Olha, tra-los á Luiz XV.

—Sim senhor. disse o Cauteleiro Fardado. E momentos depois, trazia dois ovos estrelados, com farinha por cima:

—Como os quer á Luiz XVI, veem empoados...

A politica da sardinha

A Espanha, paiz nosso irmão, é ás vezes traquina, o que não lhe fica bem, por ser maior. Toda a sua politica de aproximação se pode chamar a «politica da Sardinha»; todos os salamaleques que ela nos faz e que nós sorridentes lhe pagamos, foot-ball, exposições de pintura, aviadores, concursos hipicos e outros intercambios de coices, tudo gira em volta disto: a Sardinha. Tanto que até fizeram mantenedor dos jogos florais de Badajoz o pobre Antonio Sardinha!

Vem agora a Espanha, que se tem farto de comer o nosso linguado, as nossas lagostas, o nosso magro carapau, lá porque lhe fomos outro dia ao atum, a dar puns pelo lado do Guadiana.

Ora temos conversado!

O Sul Desportivo

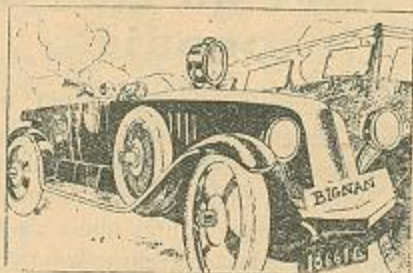
Recebemos a visita deste brilhante semanario que se apresenta otimamente redigido, graficamente bem feito e com grande informação sobre todos os sports.

D'aqui saudamos o simpatico colega.

CONTRASTE

—Eu quando tomo café, não durmo!
—Tem graça! Pois eu sou o contrario! Quando durmo não tomo café!

UMA INJUSTIÇA REVOLTANTE!

Uma carroça: Um cavalo sem fôrça!

Um Bignan: Fôrça de cem cavalos!

Crónica alegre

Apontamentos para um Manual de Civilidade

O namoro

PARA se chegar a um completo estado de casamento, principia-se pelo «namoro». O namoro é uma espécie de deleite ou outro líquido qualquer, que une dois peitos apaixonados. Para se conseguir o namoro há muitos processos, mas os mais usuais são: O encontro no carro electrico, o encontro no bailarico ou no teatro, etc.

Deveres da namorada

A pretendente a namorada, mal lobrigou que um rapaz a olha mais insistentemente deve fingir que se ruborisa, usando para isso de qualquer processo. Aos primeiros momentos, não deve atender muito no olhar do mancebo, aproveitando todavia, o tempo para lhe ir avaliando o valor da corrente do relógio, dos aneis e outrosim, observar-lhe a conservação das botas e a qualidade da fazenda do fato. Se esta inspecção demonstra que o mancebo tem algum dinheiro, deve então olhar para êle repetidas vezes, deixar-se seguir por êle e aparecer à janela, mal tenha entrado em casa.

EXPLICAÇÃO

—Se eu puz as minhas botas á porta do quarto era para que m'as engraxassem!
—Ah! Eu julguei que era porque o cheiro o não deixava dormir . . .

Deveres do namorado

O pretendente a namorada, mal repare que uma manceba o olhou, deve logo dar um grande suspiro, meter-se a um canto a olhar para ela e disfarçar quando a mamã da menina olhar para êle. Depois quando calcula que ela vai sair, levanta-se primeiro, e vai esperar

para a porta da rua. Mal a avista, dirige-lhe um olhar e disfarça imediatamente se o pai tem bigode e uza bengala. Depois irá seguindo de longe e vai reparando sempre se ela se volta a olhar para traz.

Quando a manceba entrar para a escada, passa para o passeio fronteiro e se a pretendida esposa aparece à janela, cumprimenta-a e segue, olhando sempre para traz.

O namoro

No dia seguinte à tarde, o mancebo deve passar pela rua, e a manceba deve estar à janela. Cumprimentam-se e depois de uns tantos olhares, o mancebo deve mostrar-lhe uma carta. A menina afirma com a cabeça e então o menino vai em busca de um galego por quem envia a missiva. (Esta carta deve ser em letra bem legivel porque em geral as mancebas não sabem lêr). No dia seguinte, o pretendente deve passar à mesma hora na rua, e a então já namorada deve enviar-lhe a resposta via-sopeira.

A carta do mancebo deve ser toda a dizer que lhe renasceu a vida assim que a viu, que o amor renasce nos seus olhos, que na alma lhe renasce uma seiva nova, emfim, uma carta toda em estilo renascença, acompanhada de pensamentos sôbre as estrelas, os passa-

rinhos e águas bacteriologicamente puras.

A resposta da manceba deve ser curta, e dizendo apenas, que tambem ela se sentiu incendiada por fogo posto e que se é para bom fim está disposta a ter uma grande simpatia.

No dia seguinte trocar-se-hão novas cartas e assim por diante. O pretendente indagará quando ela vai ao cinema a fim de a vêr e, ao fim de quinze dias pedirá, licença para lhe falar á janela.

A menina responderá que vai pedir licença ao pai, que é muito exquisito, e informará a mamã que caiu um palerma com cara idem e com aparências de dinheiro.

A mamã fingir-se-há zangada, mas por fim, após uma espreitadela por detraz das «brise-brise» e de constatar que o rapaz tem todo o tipo dum idiota, dará a respectiva licença.

Na noite combinada para o primeiro falatório, o rapaz dirá que está uma noite muito bonita, que tem um tio rico no Brasil e que é sócio de uma sociedade de recreio, a rapariga dirá que descende de fidalguia, que gosta muito da mamã e de ouvir tocar guitarra. Para estes dialogos, êle deve escovar cuidadosamente o chapeu e sógraxar os bicos das botas porque em ente essas coisas se veem de cima, ela deve cuidar a primor do penteado e de lavar o queixo porque é só isso que se vê de baixo.

De vez em quando, ela fingirá que a chamam de dentro e pedindo licença retira-se da janela e vai pôr nova demão de pó de arroz. Êle nestes intervalos, bricará com a bengala ou fará festas a uma criança que passe, para fingir que tem bom coração.

Após uns quinze dias desta vida, a donzela deve perguntar-lhe que idade é que êle tem e arranjar a conversa de maneira a poder impingir-lhe qne faz anos daí a quinze dias.

O rapaz se realmente fôr lôrpa, segue na mesma ordem ds ideias, mas se o não é, impinge que faz anos no dia anterior ao marcado por ela.

Ao dar meia noite, ela dirá que a estão chamando para o chá, embora isso não exista lá em casa porque o açúcar está caro, e êle dirá que vai para casa trabalhar, embora seja vadio.

Após dois meses de conveasa à janela, o mancebo deve procurar maneira de falar a sós com a namorada. Este falar a sós serve para se trocar o primeiro beijo que deve ser dado a furto, ela, para fingir que é o primeiro que dá, êle para fingir que é muito respeitoso. A' segunda ou terceira vez que isto aconteça, tanto êle como ela já não teem que fingir coisa alguma e poderão dar os beijos com a lentidão que mais lhes der na vontade.

Henrique Roldão

Para os nossos pobres

Transporte	45$50
Pzag Ilapa	1$00
Um estudante apaixonado	20$00
Zé Lerita	4$00
A transportar	70$50

EXPEDIENTE

Aos nossos agentes de Lisboa

Prevenimos os nossos estimados agentes de Lisboa de que só aceitamos sobras de jornais referentes ao mez em que se liquidam as contas e não de numeros atrazados.

Mais prevenimos de que as tabacarias que cederem a vendedores avulso jornais para aparecerem ao publico ao sabado, serão imediatamente eliminadas de agencias.

A ADMISTRAÇÃO

PERGUNTA INOCENTE

—E' assombroso! Foz trinta graus á sombra!
—Mas porque é que você não vem aqui para o sol?

Sports

CAMPO PEQUENO

A corrida noturna do dia 1, para segunda apresentação dos pequenos Casimiros, teria sido um funeral de caixão á cova se não fossem os momentos de grande entusiasmo promovidos pelos jovens cavaleiros durante a lide dos seus dois touros, os melhores da manada.

O curro de mansos á excepção dos dois farpeados pelos Casimiros, não permitiu que a corrida resultasse bôa, bem como o trabalho do espada que deixou muito a desejar.

Afora uns pares de bandarilhas de Custodio Domingos, Procopio e Plás Flores, nada mais houve de notavel.

Os forcados, ou por falta de pratica ou com receio dos touros fizeram umas garatujas que não valeram dois patacos.

A concorrencia foi numerosa e a direcção da corrida a cargo de Segurado, sem protestos.

E nada mais.

ZEPEDRO

Corrida de beneficencia

A tourada promovida pelo sr. Governador Civil, em beneficio das casas de caridade, rendeu, liquido, 141.213$91, importancia esta que teve a seguinte distribuição:

Albergaria de Lisboa, 30.900$; Asilo de Nossa Senhora da Saude, 3.000$; Asilo dos Cegos Eduardo Coelho, 3.000$; Associação dos Trabalhadores de Imprensa, 3.000$; Asilo de Santa Catarina, 6.000$; Albergue das Creanças Abandonadas, 6.000$; Patronato da Infancia, 6.000$; Asilo D. Pedro V, 6.000$; Asilo-Oficina de Santo Antonio de Lisboa, 6.000$; Albergue dos Invalidos do Trabalho, 5.000$; Asilo de S. João, 6.000$; Asilo de Espie Miranda, 6.000$; Assistencia Infantil de Santa Isabel, 6.000$.

Asilo dos Cegos Feliciano de Castilho, 6.000$; Creche Victor Manuel, 6.000$; Florinhas da Rua, 6.000$; Cozinhas Economicas, 3.500$; Lactario de S. José, 2.000$; Lactario de S. Isabel, 2.000$; Associação Protectora da Primeira Infancia, 1.500$; Associação dos Toureiros, 1.000$; Associação dos Trabalhadores de Teatro (caixa de pensões), 500$; Cantina Escolar de Alcantara, 1.00; Cantina Escolar «A Solidaria da Graça», 1.000$; Cantina Escolar de Arroios, 1.000$; Cantina Escolar de S. Cristovão e S. Lourenço, 1.000$; Cantina Escolar de S. José, 1.000$; Cantina Escolar de S. Miguel, 1.000$; Cantina Escolar do Monte Pedral, 1.000$; Cantina Escolar do Camões, 1.000$; Cantina Escolar Marquez de Pombal, 1.000$, Cantina Escolar de Santa Catarina, 1.000$; Cantina Escolar Alberto Costa, 1,000$; Cantina Escolar José Estevão, 1.000$; Cantina Escolar Flores de Benfica, 1.000$; Associação Protectora de Raparigas Pobres, 1.139$; Sopa dos Pobres da Freguezia dos Anjos, 1.000$; Associação Protectora das Creanças, 300$; Associação de Beneficencia de S. Mamede, 300$; Centro Escolar Antonio Luiz Inacio, 300$; Missão do Bem, 300$; Enxoval do Recem-nascido, 300$; Gremio Escolar-Tomaz Cabreira, 300$; Cantina Escolar Junção do Bem, 1.000$; e Jardim-Escola João de Deus 1.000$.

FOOT-BALL

Com o nome de Atletico Club Municipio de Lisboa, acaba de se constituir um Club entre os empregados da Camara Municipal de Lisboa, tendo em vista o desenvolvimento do sport.

Na sua ultima reunião do socios, foram nomeados os Corpos Gerentes que são:

Direcção

Presidente:—Augusto de Magalhães Vice-Presidente: — Hernani Silva,—Secretario:—Guilherme Pombo,—Tesoureiro:—José Guilherme d'Oliveira,—Vogal:—José N. Mata.

Conselho Tecnico

Presidente: — Joaquim Fernandes,— Capitão-Geral:—Lamarck Rebêlo,—Relatôr:—Luiz Silva,—Secretario:—André Correia.

No final foi aprovado por unanimidads um voto á Ex.ma Vereação e em especial ao Ex.mo Snr. Vereador Alexandre Ferreira.

AOS SPORTISTAS DA PROVINCIA

Este jornal publicará na sua pagina sportiva concisas correspondencias sobre sport nas provincias, podendo aqueles que pretendem ser nossos correspondentes sportivos dirigir-se por escripto á Redação.

Revista SPORT ILUSTRADO

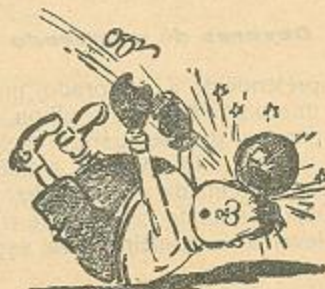
Completamente remodelada e ampliada e com uma excelente colaboração, deve reaparecer no proximo mez de Setembro esta conhecida revista de sport que passará a publicar-se semanalmente.

A Festa dos 3 jornais

O brilhantissimo espectaculo que temos vindo anunciando com este titulo, ficou transferido, por dificuldade de reunir em Lisboa, neste momento todas as grandes figuras que a ela deram a sua adesão. Realisar-se-ha com todo o programa anunciado nos primeiros dias do proximo mez de Outubro.

MUITO BREVEMENTE

A rapaziada

vae ter o seu jornal

"Os Sportinhos"

Edição semanal ilustrada

Que pretende esta nova publicação de OS SPORTS?

Despertar na creança o gosto pelo «sport» e educação fisica, recreando-lhe ao mesmo tempo o espirito com paginas de:

Contos sportivos — cinemas e seus actores — Foot-ball infantil — Regras de todos os sports — Aventuras policiaes Secção charadistica e mil e uma cousas de interesse e de educação

FAÇAM-SE DESDE JÁ ASSIGNANTES

Serie de 25 numeros 12$00 escudos

DIRIGIR A:

P. LUIZ DE CAMÕES, 22, 1.º

LISBOA

Carlos Monis Pereira

Por lapso da tipografia chamámos Morris, ao distincto «sportsman» Carlos Monis Pereira, que num belo modelo F. N. fez um excelente percurso na Gymkana de Automoveis.

O nosso formidavel concurso de foot-ball

Finalmente.
Em que ficamos?

JORGE?
CHICO?
CESAR?

São não já ás dezenas, mas ás centenas, os votos entrados semanalmente neste jornal para o jogador português que melhor satisfaz as condições deste concurso. E' o grande publico a manifestar-se.

Por este concurso fica *iniludivelmente marcado* o jogador português considerado mais completo e mais popular.

Jorge Vieira tem na nossa redacção 817 senhas em seu nome.

Francisco Vieira 719 (uma é inintelegivel mas parece pertencer-lhe).

Cezar de Matos 624 votos, o que é enorme sabído que este jogador é muito novo e só ha dois anos vem jogando em grandes desafios.

Manteremos a mais absoluta imparcialidade! Não temos clubismos de nenhuma especie!

Todos os jogadores nos são egualmenre simpaticos!

A nossa eleição terá pois o maior valor desportivo.

Ao vencedor daremos um belo premio, alem de lhe dedicar-mos uma pagina de honra no nosso jornal.

Todo o sportista consciente deve manifestar a sua opinião confiando na lealdade absoluta deste jornal.

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito: ....

Eleitor: ....

Cinemas, teatros e circos

José Ricardo

Morreu o mais pitoresco actor da scena portuguêsa

Apontam-se a dedo, dentro da vida teatral portugueza, as figuras que, como José Ricardo, viveram uma vida de constante trabalho e que mercê do seu esforço unico, da sua vontade desamparada, da sua inergia constante, conseguiram alcançar por valor proprio, um logar justo e indiscutivel no primeiro plano.

O actor José Ricardo

José Ricardo era ha pouco, talvez o maior e mais vehemente exemplo de uma vida de trabalho constante, e alheio de favoritismos.

Muito novo, tentou-o a luz forte das ribaltas, o desafio ás multidões, a lucta constante com o grande anonimo que levanta e derruba idolos com a mesma facilidade que vitoria e que tudo esquece: o publico.

Actor d'um pitoresco extranho, caracteristico, individual, veio de começo marcando passo na vasta aprendizagem do teatro de então, conquistando palmo a palmo o palco que ia pisando, levantando quotidianamente á força de vontade, os inumeros escolhos que, no tempo, enchiam o caminho dos que queriam ser alguem.

Discipulo da velha escola, tão velha que só ele se lembrava dela nas conversas amenas das tardes do «Martinho», foi-se adaptando ás epocas que iam correndo, ás escolas que se iam creando.

Trilhando a mais dificil fórma de comediante, a comica, deixando-se olhar de alto pelos que professam pelo teatro serio a ideia de ser o unico verdadeiro e o de maior dificuldade, foi pouco a pouco, n'uma constante expressão de firmeza, marcando o seu nome, mostrando ao publico uma arte sua.

Actor nos velhos tempos em que havia que aprender, José Ricardo soube aproveitar e foi isso o segredo de todos os que triunfaram.

Clama-se que se vão apagando os antigos astros da scena sem que outros despontem. Pois se já não se aprende! José Ricardo, João Rosa, Brazão, Virginia e mais do que todos, Augusto Rosa, aprenderam e... fizeram. Ninguem pode fazer sem ter aprendido...

Sem ser um grande artista, José Ricardo foi um grande actor, um comediante conhecedor das predilecções do publico, das suas qualidades e defeitos.

Trabalhando a vida scenica desde muito novo, soube conservar a alegria dos verdes anos e era essa a sua grande arma, a que esgrimia com geral aplauso das gentes que riam perdidas com as suas facecias onde, a naturalidade imprimia maior relevo.

De uma memoria prodigiosa, poucas vezes, ele que era um primeiro actor, teria ido para a scena sem saber o papel, sem o ter visto e analisado e por isso, José Ricardo ia sempre bem, sempre merecedor das palmas do publico que o adorava.

Na «Feira do Diabo»

As anedoctas de José Ricardo, serão talvez, de todo o seu grande trabalho, de toda a sua energia, gasta em deliciar o publico, aquilo que guardarão todos os que o ouviram e aplaudiram.

Ainda no seu enterro, entre a gente nova que, mais por exibição do que por sentirr, acompanhava o glorioso morto, não eram os seus trabalhos que se lembravam ou comentavam, não era a figura do actor que se analisava, eram apenas as suas anedoctas, as suas «piadas a tempo», a sua figura de piadista de café, de irreverente má lingua, os seus pequenos ridiculos, as suas tão desculpaveis vaidades.

Cada epoca novos elementos do teatro serio veem ingressar nos palcos, todos os anos, novos actores são tentados pela luz das ribaltas e, (como isto é afirmativo quando se diz que a arte humorista é a mais dificil!) só de quando em quando, só raramente, um novo artista de catacter comico, vem ingressar nas fileiras do teatro alegre.

Chorar no palco é facil, rir dificilimo, sabem-no todos os que cruzam os proscenios e José Ricardo riu e fez rir, foi um grande actor comico, a sua arte não fazia sofrer, era sadia, forte, alegre como uma das muitas gargalhadas que ele sabia fazer soltar!

* * *

Mais um grande actor portuguez que desaparece. E emquanto José Ricardo é levado a repousar eternamente na derradeira morada, a gente dos palcos, a que ama a arte, a que estuda e pretende trabalhar, chora uma amarga saudade, a saudade que fica d'um bem que se perde sem almejar outro que venha prehencher o espaço vasio.

Nos «Amores de Bocage»

HENRIQUE ROLDÃO

O QUE VAI SER O FUTURO DO TEATRO NACIONAL?

Com a morte inesperada de José Ricardo, com o desaparecimento de Brazão e de Joaquim Costa, com o afastamento que parece certo de Rafael Marques que vae em «tourneé» ao Brazil e á Argentina com um seu colega francés (pelo menos êle o afirma), com a doença e a renuncia absoluta ao seu cargo de Lino Ferreira, o que será a futura época do Nacional? Brevemente trataremos o palpitante assumpto de teatro.

Está no ministerio da instrucção e lá deve conservar-se bastante tempo o Sr. Dr. João Camoezas, de quem é licito esperar uma solução ao complicado caso do Nacional. Que S. Ex.ª ponha acima dos interesses de camarim os verdadeiros interesses daquele teatro e da Arte Nacional, que ouça quem tem de ouvir, e que faça uma obra que se veja, são os nossos desejos.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Fechado temporariamente.

S. Luiz — Fechado temporariamente.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall. Alexandre de Azevedo.

Avenida — Fechado temporariamente.

Politeama — Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.

Eden — Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»

Nacional — Fechado temporariamente.

Apolo — A opereta «O Moleiro de Alcalá» com Emila Fernandes.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A AZILADA N.° 30

Um caso dos muitos que passam na vida sem a atenção de ninguem. Tragedia anonima, espelho de muitas tragedias eguaes que morrem breve. Impressiona e confrange. Leia!

QUANDO n'aquela noite entrei no café da Rua dos Alamos, não alimentava a menor esperança de arranjar um motivo verdadeiro para uma novela.

As mesmas caras de todas as noites, os mesmos «rufias»-decadentes de todas as horas, as trez raparigas que serviam bebidas alcoolicas, nos mesmos esgares de agradabilidade sórdida, o mesmo cego matraqueando o piano desafinado, rouco, sem tinta, a mostrar grandes nodoas de velhice.

Já por trez vezes entrava no café, procurando nas conversas, nas confidencias, qualquer tragedia intima, qualquer careta da má sorte, que feita em novela, viesse mostrar um pouco de vida desconhecida aos leitores do «Domingo ilustrado» Nada. As historias eram sempre eguaes. Sempre o mesmo drama de facadas e beijos, de pragas e juras de amor.

—Quer café?—perguntou-me a que tinha na face uma cicatriz horrivel, sinal de amor violento, de rixa de paixão e odio.

—Não! Olhe, traga-me... traga-me.... (eu já conhecia os terriveis venenos que ali vendiam com o rotulo de cerveja e café!) traga-me... uma garrafa de agua mineral, se faz favor!

Eu já sabia que aquela mulher de cara mal pintada e cabelos sujos, se chamava Aurora. Era assim que lhe chamava o velho de oculos que estava ao balcão em mangas de camisa, passando horas a cofiar um gato sarapintado que lhe dava marradinhas nas mãos.

Na vespera tinha-lhe notado mesmo um certo talhe aristocratico nas mãos, uma linha de perfil airosa, um tanto apagada pelos sinaes de vicio e pela cicatriz que lhe desfeiava a face.

Voltou com a garrafa de agua e um pano sujo com que simulou limpar o zinco da meza, bàço de tanta porcaria.

—Preciso de falar consigo!—disse-me em segredo, fingindo que me mostrava o rotulo da garrafa—Saia já e vá esperar por mim ao pé do Arco do

... *aquela rapariga de faces marcadas pelo vicio, com uma cicatriz horrivel*...

Marquez de Alegrete!—e n'um sorriso —Disfarce e não me comprometa!—depois levantando a vós—Sim senhor! Foi recebida hoje!

Não atinei de momento com a razão d'aquelas palavras. Bebi a agua, e chamei para pagar:

—Muito obrigado!—disse ela, e depois em segredo—Eu vou já lá ter!

Sahi do café.

* * *

Era bem parvo! Afinal não se tratava mais do que d'um convite banal! Mas era original a maneira! O que elas não inventam!...

Mas... lá me fui dirigindo para o Arco do Marquez de Alegrete, sorrindo da minha falta de perspicacia. Ia ser divertido. Quando a mulher estivesse convencida que...

* * *

Já esperava ha vinte minutos quando a vi á esquina de São Vicente á Guia, fazendo-me sinal.

—Siga-me! Venha atraz de mim! Não quero que me vejam falar consigo!

Segui-a até ao Largo do Socorro e ela, segurando-me num braço, disse-me:

—No café já sabem que o senhor é da Segurança do Estado!

—Eu!? Essa tem graça!

—E tinham combinado fazer-lhe hoje uma partida!

Disse o que era, convenci-a de que não era policia nem coisa que se parecesse? E os dois rindo da aventura, um tanto amigos:

—Nesse caso—disse ela—desculpe.

—Ora essa! Até lhe agradeço!

—Não tem de quê!

—Mas diga-me! Porque tomou esse interesse por mim?

—Porque... porque... não tenho vergonha de lho dizer! Porque o senhor se parece muito com o homem que me perdeu!

—Conte...

* * *

—Minha mãe era... o que eu depois fui! Meu pae nunca conheci. Tive um padrastro que, vendo-me pequenita, filha de tal mãe, com todas as probabilidades de vir a cair na desgraça, me meteu num asilo onde me deviam educar até aos vinte e um anos.

Queria fazer de mim uma mulher de bem, uma mulher honesta. Entrei no asilo tinha nove anos e já sabia o que era ter fome. Minha mãe nunca me visitou, nunca mais a vi; meu padrasto ainda lá foi umas vezes mas depois... desapareceu. A minha familia passou a ser o asilo!

Nos primeiros anos, como era muito creança, adaptei-me aquela vida uniforme. Aprendi a lêr, a tocar, a bordar e tornei-me numa asilada modelo.

No entanto, conforme ia crescendo, ia aprendendo a sofrer. Nem eu sei como aquilo foi! Sei que um belo dia dei por mim a odiar o asilo!

Oh! Meu amigo, era horrivel! Os professores não perdiam uma unica ocasião de nos lembrar que estavamos ali por caridade! Como é horroroso saber-se que se vive por caridade! Como faz nascer em nós odios, saber-se que temos de agradecer muitas vezes o agasalho que nos dão!

Depois no asilo, perde-se a individualidade. Eu era a trinta, ó trinta isto, ó trinta aquilo! A disciplina cria em nós revoltadas! Faz de nós hipocritas, pequeninas féras de garras escondidas!

De vez em quando um doador lembrava-se de visitar o asilo e então, a humilhação que sentia quando ia curvar-me reverente diante dele, beijar-lhe a mão, agradecida!

Ás vezes saía-mos em passeio. Um passeio monotono, egual sempre, sem olhar para ninguem, a duas e duas, numa reverencia que faz ferver o sangue!

Nas ruas passavam grupos de raparigas da minha idade que andavam com o passo que queriam, que falavam, que riam! A nós, nem era permitido falar!

Depois o uniforme, aquelas saias azues, perfeitamente iguais, dadas por caridade, e o chapeu sem graça, estupidamente feio, com as letras do nome horrivel do asilo, para que quem nos visse não tivesse duvidas que eramos vivas por caridade!

A raiva que eu sentia quando ouvia dizer ás pessoas:—São do asilo!...

E as outras, as que não viviam por caridade, podiam rir, falar, ir como lhes apetecesse e nós... sempre no nosso uniforme, a duas e duas, sem poder olhar, sem poder rir, sujeitas á obrigação de agradecer muito a quem nos dava o direito de viver!

* * *

Comecei a ser apontada como indisciplinada. Sofri duros castigos que mais faziam radicar em mim a ideia de fugir.

Pedi para não me levarem aos passeios. Os vestidos das que eu via na rua, obrigavam-me a rasgar o fardamento, numa enorme explosão de odio!

Um dia... foi preciso arranjar uns azulejos do refeitorio, e para isso fôram para lá uns pedreiros. Eu tinha então dezessete anos. Era bonita, e, apezar da prohibição do regulamento, esticava bem a cinta, para que o corpo se mostrasse bem. Combinei tudo, preparei tudo, e um dia, quando tocou a sineta para nos recolhermos do recreio, enganei a vigilancia da monitora e saltei para o jardim de uma casa ao lado.

... *a duas e duas, não nos deixavam rir, nem sequer*...

N'um instante achei-me na rua. Ele, um dos operarios, esperava-me com um fato que vesti n'uma escada proxima! Oh! Como eu lembro essa hora em que me senti com um fato que não tinha o numero trinta!

Quer saber? nos primeiros dias quasi não acreditava que já não estava no azilo! Ainda me lembro da primeira manhã em que acordei fóra do grande e frio dormitorio. Quando abri os olhos, pareceu-me sonhar! Foi preciso convencer-me bem que aquele quarto era um quarto, que o... o homem que dormia a meu lado... mas estou talvez a maçal-o com estas recordações que o não interessam...

—E diga-me, era... esse homem que se parecia comigo?

—Era tal qual...

—E... deixou-a

—Não me fale n'isso! Foi ele que me desgraçou!

—Abandonou-a?

—Sim... não sei... não sei! A minha vida! A minha triste vida! O senhor sabe lá?! Muitas vezes apezar de tudo, apezar das horas más, quer acreditar? lembro-me tanto do azilo! Da minha farda, do meu numero...

—Mas esse homem, o pedreiro...

—Não me fale n'isso...

* * *

Viveu comigo cinco anos. Depois... deixou-me entregue a outro! Rolei de degrau em degrau e hoje, tenho vinte e oito anos e sou camareira d'um café da Mouraria... Se eu ainda podesse voltar a ser a *trinta*...

UMA NOVELA DE IRONIA COMPLETA

O MENINO «POSSIDONIO PAIS»

Curiosissima pagina de satira e ironia, em que se descrevem os nossos costumes e criticam, os nossos maus habitos sociais Em nada se desprestigia a figura do falecido presidente Sidonio Pais.

EM Vale de Manteigas não ha mais que cem fogos. E' uma aldeia viçosa e saudavel, com seus arruamentos ingremes e mal empedrados, onde os porcos, as galinhas e os coelhos tratam da sua vida numa tranquilidade paradisiaca. Quando se implantou a Republica, os influentes da terra mandaram vir, com o consentimento da Camara, algumas taboletas do Freire Gravador, azues e com letras brancas. Ao pequeno terreiro onde, desmantelado, um velho pelourinho de D. Manoel assignala uma passada civilisação, espetaram um letreiro pifio de esmalte azul que diz assim ... *Praça da Republica.*

De longe trouxeram uma palmeira raquitica, que hoje na Praça, como um desolado espanador, levanta para o ceu quatro palmas debeis e degrenhadas.

A uma pequena azinhaga, que vai da casa do Prior á botica, chamaram-lhe por pirraça «Rua Miguel Bombarda», e não houve beco nem travessa que não recebesse as honras duma toponimia revolucionaria e flamejante, onde os Heliodoro Salgado, os Ferrer, os Candido Reis, tivessem as respectivas homenagens. Os porcos, as galinhas e os coelhos continuaram rapando o esterco das vielas imundas, mas nas esquinas as taboletas novas falaram de progresso e a tranquila aldeia, outr'ora adormecida no balouçar doce entre os progressistas e os regeneradores de pacifica memoria, desde a alvorada sanguinea de 5 de Outubro, é um baluarte democratico cujo nome tem figurado nas gazetas a proposito duns sem numero de chinfrins.

Pois é em Vale de Manteigas que se desenrola o pequeno e saboroso episodio destas linhas.

* * *

Garibaldi Anastacio Pires é alguem

Aquela creança, aquele nome arripiavam Garibaldi . . .

na sua terra. E foi em tempos mais, quando apenas um templo de sciencia abria as suas vetustas portas em Vale de Manteigas. Agora, porem, que ha duas farmacias, na velha loja onde uma cobra da terra eternamente se contorce no alcool dum frasco, e sobre o armario ha a decoração imprevista dum extranho feto de cabra num boião de vidro, Garibaldi mantem apenas um relativo prestigio.

No dia em que se fizer a historia dos patetas alegres da democracia portuguesa, desses pobres diabos para quem o ideal republicano era a retrato de Bernardino Machado a «crayon» ou de Afonso Costa na bacia do quarto, não pode deixar de figurar este Garibaldi Anastacio Pires.

* * *

Garibaldi, discutia sempre á noite, com o boião do acido borico em riste ou aviando umas pilulas, as ultimas noticias politicas. E, era vê-lo, apreensivo e apopletico, combater os democraticos e exalçar os sidonistas, ou vice-versa, conforme os ventos e as correntes governativas lhe asseveravam as convicções estomacais. Teve Garibaldi um filho, e nasceu a creança precisamente quando, nesse inverno desabrido de 1917, os canhões de Sidonio Pais, tinham calado da Rotunda as escaramuças democraticas do Terreiro do Paço.

Garibaldi, em pé, por detraz do balcão, impunha o novo dictador, fazendo gestos violentos de dentro do seu guarda-pó cinzento e lançando para o ar, com o frasco duma laranjada purgativa na mão, tremendas apostrofes contra os gastos partidos politicos.

Tanto que uma vez, em pleno discurso, foi Garibaldi prevenido de que era pae—e logo, á fé dos seus credos politicos brandou, que o rebento comemorativamente, se chamaria *Sidonio Pais*. Já seu pae dera, em volvidos tempos, signal desta tendencia para homenagear na prole os grandes revolucionarios—e ele fôra na vida Garibaldi, como essa outra grande figura—um Garibaldi Pires, de cujo palpitar sincero de entusiasta e de crente, podiam bem falar as velhas pedras de Vale de Manteigas. E assim, a creança foi á pia paptismal, roliça e taful, e veio de lá tendo sobre o corado pescocinho de roscas o terrivel pezo dum nome historico e perigoso: *Sidonio Pais!*

* * *

Mudaram-se os ventos e mudaram-se, como de costume, os credos, na farmacia de Garabaldi!

São agora, nas aguas turvas de Monsanto, os democraticos quem ganha. Um governo de situação é-lhes dado, e Garibaldi, á noite, sob o petroline da loja cofia indeciso a pera a tão rapidas modificações.

Na rua de baixo, a farmacia rival e democratica, embandeira em arco, Garibaldi arrasta triste o guarda-pó cinzento ante esta reviravolta e vai descobrindo já, afinal, que o dr. Domingos Pereira é que é o homem preciso á Republica e ao Paiz.

Vêm a medo olhando a cara dos circunstantes por cima dos oculos, as primeiras afirmações de fè democratica: *As dictaduras são crimes coletivos! Quando os regimens se voltam contra o Pôvo, este aniquila-os inexoravelmente!*

E outros lugares comuns começaram ribombando na locanda aldeã.

Houve mesmo uma noite de luar em que tanta sinceridade poz na apoteose de Leote do Rego que os afonsistas comoveram-se.

O diabo é que, como uma «duche» fria sobre o seu entusiasmo democratico, a creada chegou por detraz do balcão com a creança ao colo, e disse alto:

Oh sr. Garibaldi, o menino Sidoniosinho não obra desde ontem, e a senhora diz para lhe dar magnesia . . .

Aquela creança, aquele nome, arripiaram-no! Sim, era o seu irregular passado politico, todo um mundo de convicções frageis, que entrava por ali dentro a pedir magnesia!

E quasi lançou num roldão, a creança, a creada e o purgante pela porta fóra, como quem varre da cabeça o pensamento mau duma falsa doutrina.

* * *

E, assim, a sua inteligente e esforçada obra de captação e reconciliação que ia fazendo com os velhos caciques doutros tempos, era estragada pela constante prova palpavel e viva, daquele Sidonio do diabo, que urinava na cama, tinha dores de dentes e começava a passear insolente pela casa o seu decorativo e imprevidente nome politico. Miil vezes Garibaldi amaldiçoou a terrivel lembrança que fizera chamar ao seu rebento por tão desusado nome. E, agora se lembrava que o Prior, bem insistira com ele para lhe não pôr o apelido no assento, mas a sua cequeira politica até a isso o tinha obrigado. Não, não havia duvidas, era *Sidonio*, e alem disso, *Pais!*

* * *

Uma manhã, Garibaldi entrou no

—O melhor é por «pos» no assento do menino . . .

pequeno claustro da egreja, e foi á sacristia. Sobre o livro largo dos baptismos o Padre Gusmão cabeceava.

—Eu vinha cá, Senhor Prior, porque queria mudar o nome ao rapaz,—avançou resoluto e direito ao fim, Garibaldi Pires

—Como mudar o nome?—balbuciou o Padre.

—Sim, quero-lhe tirar o Sidonio e chamar-lhe seja o que fôr. Tenho azar com nomes de mortos . . .

—Mas olhe que de mortos são todos os nomes,—tornou o Padre.—Isso agora só para a crisma, mais tarde.

—Mas eu quero agora, sr. Padre Prior, e pago o que fôr preciso, lá para a papelada. Cá no registo civil, me arranjo eu.

—Pois eu, não lhe vejo geitos sr. Garibaldi . . .

—Aqui tem sr. Prior cem escudos para a cera da Virgem . . .

Então o padre, levantou os olhos em alvo, piscou depois um deles, e disse a meia voz, com um sorriso esperto:

—Só lhe vejo uma forma.

—Qual?—fez Garibaldi.

—Põe-se-lhe «pos» no assento . . .

—Como?!

—Sim, homem de Deus! Põe-se-lhe «pos» antes do nome. O seu pequeno ficará sendo *Possidonio*. De futuro será Possidonio Anastacio Pires, e ninguem se lembrará ao ouvir-lhe o nome, do falecido Presidente.

Garibaldi sorri satisfeito. A lembrança do padre vinha salva-lo do horrivel aperto e abrir ao seu coração de patriota uma nova esperança de triunfo politico . . .

No dia seguinte poderia já passar socegado atestados de indefectivel republicanismo, com esse expediente providencial do «pós», conseguido por intervenção da Virgem, uma Virgem que parecia mesmo do centro catolico e filiada no P. R. P. . . .

. . . .

E, assim, tranquilamente, pouco de Garibaldi, lançar ao mundo um democraticosinho novo . . .

DAMAS

Solução do problema n.º 28

	Brancas	Pretas
1	14-18	4-22
2	3-8	22-4
3	23-26	31-22
4	10-15	4-18
5	19-12	28-19
6	12-23-5	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 29

Pretas 7 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 27 os srs. Artur Santos, Barbas d'Albuquerque, Joaquim Cavaleiro, José Brandão, Sarapico (Colares), Um oficial (Foz do Douro) e Fa-Mi (Vila Real de Santo Antonio) que nos enviou o problema hoje publicado.

—

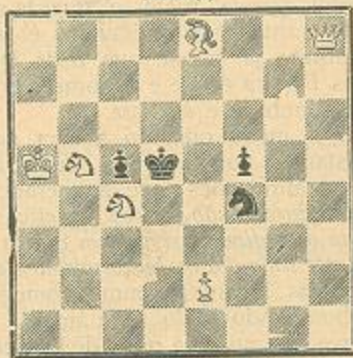
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo ar« Damas.* Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes,Cardozo.

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 29

Por A. C. J. von Elde
1.º premio

Pretas (4)

Brancas (6)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 27

1 D 1 R

Vamos explicar a classificação do problema n.º 27.

O lance chave é 1 D 1 R..

Para defender o P. 3 R das pretas atacado por este lance, estas jogam 1... T 4 R mas com este lance interceptam a acção do Bispo preto colocado em 8 T D e o Rei branco póde tomar o Pião que fica sem defesa dando mate a descoberto. Esta disposição de uma peça branca mascarando a acção de outra peça da sua côr chama-se—bateria.—Neste caso bateria real porque o Rei é a peça que mascara ou a peça que faz fogo.

As pretas então experimentam a replica da outra T a 5 R mas interceptam a acção do Bispo de 8 C D e tiram a defesa do Pião de 2 T que o Rei branco póde tomar dando mate a descoberto. As Pretas de novo tentam a replica de B 4 B R mas com este lance interceptam a acção da sua Torre e o Bispo branco (boca da da outra bateria) joga a 4 R dando mate a descoberto.

Esta mutua intercepção do Bispo pela Torre e da Torre pelo Bispo chama-se intercepção Grimshaw, compositor inglez que primeiro apresentou este tema nos seus problemas.

Enviaram-nos soluções os srs. Marques de Barros e Aires do Coito Tavares (Alcacer do Sal).

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Agradecido.
Charadas em frase: Preto, Talento.

—

ENIGMA

Tem quatro letras somente
O meu todo, e nada mais:
Sendo duas consoantes
E as outras duas vogaes.

Quem as direitas me ler
Um velho, jogo achará;
Mas se o todo me inverterem
Animal encontrará.

Trocae segunda com prima,
Mas isso já n'um momento,
Se quereis ver transformar-me
Num conhecido instrumento.

E se agora retirarem
Segunda com precaução
Podem ver um belo bôlo
Da indiana região.

AFRICANO

CHARADAS EM FRASE

Com uma flauta pode qualquer dar uma pancada na cabeça—3—2.

REI-FERA

*

Só um ignorante é capaz de afirmar que existe em Braga uma synagoga—2—1.

*

Muito suja o animal—2—1.

REI DO ORCO

*

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— E conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

N. R.—Pedimos ao Sr. Luiz Ferreira Batista a gentileza de passar pela nossa redacção.

Folhetim do «Domingo Ilustrado» *N.º 10*

CAPITULO VIII

NO BRAZIL

Dos meus amores no Brazil não devo falar porque a isso se opõe a moral e os preceitos dos bons costumes. Apenas direi que trouxe duzentos contos em joias, quatrocentos em dinheiro e mais alguns conhecimentos de caracter reservado.

A quatro dias de viagem, recebi um radiograma dum emprezario convidando-me para vir inaugurar em Lisboa um teatro novo que tinha o meu nome.

Aceitei.

Quando entrei a barra e vi a cidade, senti uma extraordinaria sensação! Era a minha patria que me estendia os braços, orgulhosa de mim!

CAPITULO IX

EM PLENO EXPLENDOR

A minha chegada a Lisboa foi um acontecimento. O governo deu tolerancia de ponto nas repartições do Estado e espalhou-se areia encarnada nas ruas.

Como vinha muito arreliada com a viagem, aluguei uma casa no Estoril e fui para lá socegar, mas foi-me impossivel. Os empresarios não me largavam a porta e, embora eu garantisse que tinha um compromisso com o Galhardo para ir inaugurar um teatro, que esse senhor tinha feito de proposito para mim, todos me diziam que pagavam a multa e me ofereciam o dobro do ordenado.

Recusei as propostas e fiquei esperando que o treatro acabasse.

Todos os dias o Galhardo me procurava afirmando que faltava só limpar os vidros das janelas para a nova casa de espectaculos estar pronta mas, esperei durante sete mezes e esperaria o resto da vida se não aceitasse um contrato do Erico para ir fazer uma comedia ao Porto na companhia d'ele.

Eu nunca tinha trabalhado no Porto, por isso foi com grande satisfação que aceitei o convite.

Fui pois á capital do Norte e do que foi o meu sucesso, ainda toda a gente se lembra. Nem quando foi do 31 de Janeiro houve tanta pancada!

Em lembrança da minha passagem pelo Porto, inauguraram no atrio do Teatro uma lapide com o meu nome e o governo nomeou-me Gran-Cruz da ordem civil de S. Gonçalo de Amarante.

Como o Erico vinha para baixo, vim com ele, representando em Aveiro, Lamego, Figueira, Santarem, etc., etc.

Em todas as terras puzeram lapides e em varias tive de fugir porque a furia dos espectadores era tanta que me obrigou a isso.

Em Coimbra, com os intelectuaes, tive uma apoteose.

Eles passaram-me de capa, fizeram-me hinos, discursos e não me proclamaram «Doutora Honoris Causa» porque eu desde pequena que sofro da bexiga.

Em Coimbra deixei tres lapides e mais deixaria se a «tournée» não estivesse com pressa.

Quando cheguei a Lisboa ainda o teatro que o Galhardo andava a fazer para mim não estava pronto, de maneira que fui fazer uns numeros para o Maria Victoria.

Tinha eu duzentos contos de «cachet» oito duzias de foguetes, duas bandas musicas para tocarem o hino quando eu entrasse em scena e uma avença para ir ás farturas todas as noites.

Como sempre agradei muito mas, á medida que o meu sucesso crescia, o publico diminuia, de sorte que cheguei a representar apenas para os «habitués da caixa que, devido á pouca edade, se embriagavam frequentemente.

No Maria Victoria conheci a minha colega Maria do Carmo Pereira que andava a servir de modelo para a ponte sobre o Tejo e a Celia Mendes que me ensinou a cantar sem voz.

Travei de amores com o Alberto Barbosa mas, em breve caí nos braços do Rosa Mateus que me pareceu mais simpatico de perfil.

Certa noite, a Alda de Souza veio dizer-me que a Laura Costa afirmava que eu era uma «canastrona». Não estive com mais aquelas, vou direita ao camarim d'essa colega, tirei a giga, que é como quem diz, o chapeu, e descompu-la de tudo que me veio á cabeça. A Laura chorou, garantiu-me que já estava farta de fazer a Rita e eu fiquei sendo amiga d'ela porque me pareceu boa pequena. Afiançou-me a Laura Costa que não tinha inveja alguma de mim, que a sua ambição se reduzia a querer ser apenas uma modesta actriz, que não pensava em ganhar mais do que um conto por mez e eu, tive tanta pena d'ela que lhe ofereci um anel de brilhantes para ela dar aos pobres do «Diario de Lisboa».

Afinal, quem tivera a culpa de tudo tinha sido a Alda de Sousa que, de combinação com o Casimiro Rodrigues e a Luiza Durão, andavam de rixa com a pobre Laura por ela cantar só trinta vezes a Rita e o Manecas.

Chegamos á epoca de inverno e o Barbosa que era gerente pediu-me para eu ficar porque só assim a epoca estaria garantida.

(Continua)

RESPOSTAS A CONSULTAS

VENUS DE R. M.—Mediana força de vontade, amor aos livros, ordem, metodo. Caracter irregular e nervoso, boa inteligencia mal aproveitada. Bom gosto literario e, por vezes, pessimismos passageiros.

SABÁ (?)—Orgulho, vaidade, gosta da vida facil e faustuosa. Caracter ferreo, teimoso. Bôa inteligencia mas muito impaciente, fraze viva e pronta, sempre disposta a ferir um pouco. Nervos fortes e é capaz de guardar um segredo até morrer.

UM LEITOR (TORTOZENDO).—Nervoso trabalhador. Sabe ser diplomata quando quer, inteligencia intuitiva. Desconfiado e economico, muito discreto. E' um pouco teosofo.

V. H. G.—Caracter calmo, ordenado, gosta da estetica e das mulheres bonitas e exuberantes. Franco e leal para os amigos e esperto para os negocios que trata sempre com grande cuidado. Infantilmente vaidoso.

CARLOS. — Imaginação viva e exaltada. Ideias proprias, egoismo e hipocrisia. Espirito religioso, tem muitos nervos e sensualmente não se domina. Fala bem e nunca falta á sua palavra.

UM QUE ADORA UMA JULINHA.—Mediana força de vontade, pouca vaidade, generosidade moral e material. Muitos nervos mas pensa muito nas coisas antes de as fazer. Ironico mas só para fazer espírito. Desconfiança.

RAIO. — Vaidade, tenacidade e constancia. Ambição pelo dinheiro para o gastar imediatamente. Inteligente e de boa memoria. Muita sensualidade.

M. JOSEFINE.—Força de vontade, prudencia, originalidade, generosidade e bom gosto. Caracter simples e bondoso, bons nervos, amor á estetica e violenta... a seu pezar.

MARIA LEONOR.—Vontade, sensualidade fortissima, bom gosto literario. Impulsiva, irascivel não muito generosa, aceio e ordem, Sofre de retraimentos temporarios.

JOHN SULLIVAN.—Atividade, bom senso, e economia, ordem, reserva e um pouco invejoso. Ideias proprias e trato afavel. Trabalhador e inteligente para si proprio.

L'INDISCRETE.—Bom coração, infantilidade, muita vaidade. Generosidade sem ordem. «Porque sim», sendo ás vezes o contrario. Sensual e capaz de guardar um segredo.

MERRY GAWKY.—Espirito lial e aberto, gostos esteticos. Generosidade, boa memoria contancia. Nada de vaidade, inteligencia clara e pronta, amor á musica. Um tanto filosofo.

RONDINELLA.—Inteligencia pouco cultivada e fraca força de vontade. Facilmente irrascivel, reserva, pronto aborrecimento da leitura. Imaginação destrambelhada, desigualdades de caracter.

MARGARIDA GAUTIER.—Caracter impulsivo e energico, por vezes agressivo. Apaixonado, vehemente. Inteligente, boa memoria, gosta de dançar e ama a arte. Bom gosto, sensualidade, preocupação de doença quenão tem.

MIRTILA BURIDAN.—Grande imaginação, grande coração e caracter influenciavel. Misticismo, fina perseção das coisas embora não o demonstre. Desordem, generosidade intermitente, orgulho intimo. Bom gosto, amor á musica com mau ouvido, inteligencia clara, impaciencia.

FANCIULLA.—Força de vontade, ideias independentes, creancice, generosidade. Amor á verdade, fortemente sensual, sentimento de poesia e grande amor á musica. Simples e natural, apresenta-se tal qual é. Generoso.—Eu não adivinho deduso apenas, se bem que a caligrafia que me mandou é forçada.

EL NIEGRO.—Desordenado, excessivamente nervoso e um tanto estouvado devido ás suas impaciencias. Inteligencia, vaidade, imaginação febril. Gosta de jogar para sentir sensações fortes pois não é ambicioso. Um pouco religioso, generoso, amor á sciencia.

CHIN FÚ.—Espirito complicado e nervoso. Economico por ambição, ordenado, bom e mau... Trabalhador, de poucas palavras mas muito esperto e reservado, domina-se bem, ideias conservadoras.

EU MESMA.—Alto conceito de si proprio. Fidalguia d'alma, bom gosto, intuição, amor á leitura. Ordem de ideias, apaixonado e sensual, trato afavel, veracidade.

MIM.—Bôa fôrça de vontade, trato original, amor á estetica. Bom gosto para vestir, generosidade mediana, pouca vaidade e muito orgulho. Nervos fortes, gosta de lêr, independencia de ideias, inconfessada para evitar discuções.

IVANOWINA TOLSTOÏ.—Grandeza de alma, bôa fôrça de vontade, culto da verdade. Sentimento artistico, bom gosto, asseio e ordem. Nervos deprimidos, generosidade sem prodigalidade, amôr á musica.

DEMETER.—Caracter igual e influenciavel pela leitura. Pouca originalidade, tenacidade, otimismo. Nervos calmos mas quando se zanga... é a valer. Ordem, aceio, inteligencia mal aproveitada.

ZÉ.—Trato original, independencia de ideias, intuição e fino espirito. Fraze pronta e justa. Pouco orgulho mas muita dignidade. Gosta dos versos simples e delicados. Amor á siencia, materialidade e muita sensualidade.

E. GOMES.—Espirito comercial, vaidoso, ostenta o que tem e o que vale. Habilidade manual, bons nervos, muito sensual e apaixonado de bôa fé! Sempre pronto para a «pandega»... Em todo o caso administra-se bem e não passa a vida de todo mal... Tomaram muitos!

FELGUEIRAS... DESCONTENTE.—Que é o seu retrato, de tudo e de todos! Tem muito boa memoria que poderia aproveitar se fôsse estudioso. Apaixona-se ao primeiro momento mas uma depressão moral obriga-o a abandonar. Ordenado no aceio pessoal, contemporisador para se não massar a discutir. Bom gosto na arte e nas mulheres. Não sabe quais as ideias que tem porque se atrapalha quando pensa... e deixa para a outra vez...

3-R-3.—Ingenuidade, bom gosto, bom coração, grande imaginação. Inteligencia clara com um sentido pratico e justo das coisas. Sentimento de moral de pessoa mais experimentada e mais velha. Enfim, uma pessoa adoravel nas suas qualidades... no resto que o digam os outros...

UM QUE GOSTA DE UMA OLIVIA.—Ordem, economia, pouco expansivo, desconfia de todas as pessoas. Vida simples, forte sensualidade mas muito dominada. Inteligencia tarda mas tenaz, muito trabalhador.

D. FUAS (?).—O escrito é muito pequeno e confuso. Faça favor de mandar outro.

JOÃO DA EGA.—Espirito mordaz, incredulo e amigo de fazer frases, bom gosto estetico. Predileção pela pintura, sensualismo, bons nervos e bôa saude.

JUCA.—Caracter franco e lial, impulsivo ao bem, distinção, bom gosto artístico. Poeta sentimental (deve adorar Camilo), muito bom rapaz e com personalidade.

MIGUEL ANGELO.—Força de vontade mas algo impaciente, assimilação intelectual, facil palavra e amor á discussão. Trato afavel, bastante cultura artistica, ideias largas e elevadas. Perdôa facilmente, moralmente aceiado e sensualmente cerebral.

EGARD.—Muito bom, muito afavel, muito simpatico mas... guarda sempre o mal que lhe fazem... e vinga-se. Possue tão grande sensualidade que, se não a dominar, arrepender-se-ha mais tarde de coisas que virá a fazer. Energico, autoritario, ambicioso, grande habilidade manual. Sabe ganhar dinheiro e gastar. E' militar?

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Relação Explicativa

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—ara 3—lhes 3—Obi 4—ousa 5—oc 6—crer 7—si 8—recado 9—má 10—vime 11—arco 12—cara 13—cá 14—órem 15—osm 16—rata 17—isa 18—adulavas 19—Pan 20—acre 21—mui 22—oras 23—aa 24—Lena 25—cria 26—Susi 27—pá 28—livras 29—cá 30—anno 31—ai 32—óram 33—môo 34—luar 35—aso.

VERTICALMENTE

1—aos 3—or 6—côro 12—corpo 13—calca 16—rua 24—Luso 26—Sá 27—P. A. M. 36—ruivas 37—as 38—hoc 39—Eça 40—bemoes 41—ira 42—arma 43—ee 44—dá 45—irmanar 46—crismes 47—atara 48—Maria 49—Ave 50—arcano 51—unicas 52—silo 53—ai 54—váu 55—ria 56—amo 57—nó 58—rã.

HORIZONTALMENTE

1—Coragem 2—Instrumento de Lavoura 3—Varas de Arvores 4—Parentes próximos 5—Colocar (no futuro do conjuntivo) 6—Cidade da India 7—Ligo 8—Arco 9—Das aves 10—Campiões 11—Caminhava 12—Necessario para viver 13—Nojo 14—O que faz o caixeiro 16—Marca da máquina fotográfica 16—Fúria 17—O mesmo que pau ferro 18—Na estrada quando chove 19—Fechar a ferida 20—Dai-lhe ânimo 21—Para vacinar (plural) 22—Existimos.

VERTICALMENTE

1—Afeiçoado 2—planta umbelifra 10—cartas 13—plantas umbelifras 16—deusa egypcia 23—parente 24—media 25—serra portuguesa 26—apellido 27—bastante 28—naipe 29—apellido 30—monge 31—pronome 32—Voz com que se chama alguem 33—Prestar culto a Santo Umberto 34—Abalar 35—voltam 36—brizas 37—Das aves 38—Medida de tempo 39—Criado.

Começamos hoje a dar algumas respostas ás muitas cartas que chegaram a esta redacção sob a rubrica de consultorio medico.

N. D. S. A. R.—Por muitos motivos, necessita V. Ex.a de regimen alimentar. Deverá evitar comidas e bebidas excitantes, tornando-se necessario que a sua alimentação seja, predominantemente, constituida por vegetaes. O leite tem, porém, um alimento que lhe é muito conveniente. Abandone a Piperazina e passe a tomar «Urol». E' o maior dissolvente que conheço, do acido-urico.

JAZZ.—O fenomeno que o incomoda é frequentemente a expressão de um estado nervoso resultante de alguma emoção.

Não teve V. Ex.a alguma impressão desagradavel n'estes ultimos tempos?

Como quer que seja, recomendo-lhe o uso do «Dynamogenol» que é um soro glycero-phospho-strychinado. Alem d'isso, deve tomar uma serie de banhos de mar. E' tambem indispensavel que abandone o tabaco e o alcool. Não fume, não beba, nem mesmo de vez em quando.

ELIAS NOVO.—1.º Há pessoas que perdem por dia 30 a 40 gramas de phosphato e um homem são não deve perder mais que 5 a 8 gramas diarias. 2.º A medicina ideal consiste nessa combinação sahir de varias medidas de hygiene alimentar: O peixe, os legumes devem ser os preferidos. Evitar os acidos, as saladas, os cosimentos, o vinho puro. E, para contrabalançar a perda desse phosphato tão necessario ao organismo, a «Nucleocalcina» que é um medicamento inofensivo e de efeito seguro.

MURILLO.—Fez V. Ex.a muito mal em administrar um laxativo ao seu paciente de appendicite. Poderia ser-lhe mortal. Só o medico deve ser ouvido. Se a crise é aguda, emquanto se espera pelo medico, aplique-se ao doente, compressas d'agua fresca ou de gêlo. Nenhuma absorção por via gastrica o que pode dar em resultado, perfurar-se o apendice em virtude da exagerada pressão.

MARINHA LYGIA.—A filha de V. Ex.a precisa experimentar «Iodonal» depois de tentar remedios mal aconselhados. Para as escrofulas, não há melhor. E verá como lhe volta o apetite.

FERRY—BRAZ.—O cyaneto traz grandes inconvenientes. Eu não o aplicaria. Recomendo-lhe o «Oxicianol» que é uma combinação feliz de saes de mercurio e de arsenio, para injecções intravenosas, toleravel e eficacissima em todos os periodos da syfilis.

J. A. S. K.—Não tem que escolher, não tem que hesitar: Para quê o «Urodonol» se nós temos melhor, muito melhor? Respondo pela sua cura:

Compre hoje mesmo 1 frasco de «Urol» e disponha-se a seguir á risca o tratamento indicado.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

Actualidades gráficas

LARRY SEMONE (Pencudo), popularissimo excentrico, cujo ultimo film, a super-producção «The Wizard of Oz» pertence aos programas de Castelo Lopes Ltd.ª

A MORTE DO ACTOR JOSÉ RICARDO

O Societario do Teatro Nacional, actor Rafael Marques, lendo o elogio funebre do grande actor comico.

MAX LINDER, o genial comico francês cuja creação «Os Trez Mosqueteiros», parodia á celebre obra de Dumas Pae, editada pela firma «United Artists», foi comprada por Castelo Lopes Ltd.ª, representante da dita firma.

DULCE DE MENEZES, interessante actriz do Eden Teatro, onde desempenha varios papeis na revista ali em scena.

MERCEDES BLASCO, a ilustre escritora que tão justamente é apreciada pela sua prosa elegante e sentida. A segunda edição do seu livro «Tagarelices» obteve um grande exito.

ANTONIO BOTO, o poeta que cantará versos seus á guitarra, na 2.ª Festa do Fado, a realizar no dia 31 de Agosto, no Teatro S. Luiz.

PUBLICIDADE

ATENÇÃO!...

NÃO HA CALÇA ELEGANTE SEM FITA

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

Conserva sempre o vinco das calças. Nunca mais desaparece! Não faz joalheiras. Resiste a todas as grandes molhas. Economisa muito dinheiro. Não estraga a fazenda das calças. Conserva sempre a linha recta e elegante. Dá distinção. Evita o aspecto de pobreza e de abandono. NÃO É PRECISO VOLTAR A PASSAR A FERRO.

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

PARA A PROVINCIA FRANCO DE PORTE

CALÇA SEM "UNIC" — CALÇA COM "UNIC"

Depositarios:—**MAISON BLANCHE**—ROSSIO, 16

SALÃO AMERICANO

ABRIU NO DIA 16 ESTE AMPLO SALÃO DE BILHAR COM TODOS OS CONFORTOS MODERNOS

Serve-se Cerveja e Café

Preços resumidos

AO CONFORTAVEL SALÃO

LARGO DO REGEDOR, 7

FABRICA DE MALAS, ARTIGOS DE VIAGEM E CORREARIA, DE

Joaquim Pereira Monteiro

11, PRAÇA JOSÉ FONTANA 11-A
45, AVENIDA CASAL RIBEIRO, 47

Nesta casa fabrica-se toda a qualidade de malas, carteiras e bolsas para senhora

Visitem os meus estabelecimentos

TELEFONE NORTE

RESTAURANT

Castelo dos Mouros

PARQUE MAYER

Variações de toques de guitarra pelos distintos guitarristas

JULIO CORREIA E CESAR

TODAS AS NOITES

ABERTO TODA A NOITE

SAPATARIA CAMONEANA

CALÇADO DE LUXO

FABRICO MANUAL. QUALIDADE IRREPREENSIVEL.

VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO

R. CONDE REDONDO, 1-A, 1-B

(AO BAIRRO CAMÕES)

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º LISBOA

TELEF. N. 908

ATRACÇÕES PELAS MAIS FORMOSAS ARTISTAS

Dancing—Orchestra Gounod

Das 5 da tarde ás 5 da madrugada TODOS OS DIAS NO

Alster Pavillon

38, Rua do Ferregial, 40

UNICO CABARET ARTISTICO DE LISBOA—CAFÉ, CERVEJA, WHISKIES, COCKTAILS, LICORES, ETC.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS

"CONTESSA NETTEL"

CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.

GARCEZ, L.DA

Rua Garrett, 88

TRABALHOS PARA AMADORES

QUERE CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE?

LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE DE LEITÃO DE BARROS

4.a edição á venda.

O DOMINGO ILUSTRADO

Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA:—Macau.

TIMOR:—Dilly.

FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A Fera da Serra de Sintra!

Uma fera misteriosa tem assolado ultimamente a Serra de Sintra. De positivo nada mais se sabe senão o que esta pagina representa. Lobo? Urso? Leão? Pantera? Gatuno? Ahi fica a pregunta, a que nós não respondemos, para não fazermos levianamente ... figura de urso!